

Germinal



N.º 12—ANO I

28 de Março de 1915

«Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolução prévia.»— ELISEU RECLUS.

Publica-se aos domingos

DIRECTOR, EMILIO COSTA. — PROPRIEDADE DO GRUPO GERMINAL. — EDITOR, MARIO COSTA.

(Declaração exigida pela lei de imprensa em vigor.)

Avulso 1 ct. (10 rs.) — Assinatura: trimestre, 15 cts. (150 rs.)

omp. e imp. nas OFICINAS GRAFICAS — Rua do Poço dos Negros, 81

Redacção e administração — Rua da Barroca, 51, 3.º — LISBOA

Internacional operaria

Tem-se falado e escrito muito, depois que a guerra estalou, em solidariedade operaria internacional, quer para lamentar que ela se não tivesse encontrado suficientemente forte para evitar a catástrofe, quer para se dizer que é preciso que a lição aproveitada para o futuro. Como julgamos que um dos defeitos da propaganda e organização revolucionaria foi a abundancia de palavras expondo teorias e analtecendo sentimentos nobres, sem espirito pratico que as convertesse em factores de progresso realiado ou realisavel, e como vemos que ha tendencia para se continuar na mesma, (se nos enganamos, tanto melhor!) entendemos que é preciso começar-se, desde já, a reagir contra o erro cometido.

Comece-se a fazer ou a tentar fazer o que tanto se tem pregado sobre solidariedade internacional entre os trabalhadores. Mas não se pretenda fazer tudo duma vez e radicalmente, porque isso será condenar a obra, desde começo, a um fiasco certo. Para que os operarios de todo o mundo se unam, é preciso que a união se faça entre os operarios de diversas regiões para interesses mais particulares, sem excluir os interesses geraes e o ideal revolucionario, nem deixar de trabalhar para uma solidariedade mais vasta.

No nosso ultimo numero falámos da necessidade de uma aproximação entre trabalhadores portugueses e espanhóis. Soubemos com satisfação que essa ideia preocupava tambem outros camaradas, que por isso estão de acordo com o que dissemos. Um entendimento começou a estabelecer-se entre alguns camaradas operarios, para se estudar e pôr em

pratica a melhor forma de realizar aquela aproximação e executar trabalhos com os operarios espanhóis, de que resulte uma afirmação *pratica* na defeza de interesses e direitos comuns.

Se o congresso do Ferrol se realizar como desejam os camaradas espanhóis que dele tomaram a iniciativa, parece-nos ser essa uma ocasião que se não deve perder para se tentar alguma coisa do que vimos dizendo. Desde que o congresso pretende ser uma origem de trabalhos praticos em favor da sessação da guerra, por meio, certamente, dum entendimento entre revolucionarios de diferentes paizes, era uma excelente ocasião para se lançarem as bases de um entendimento entre os trabalhadores da Peninsula, empresa bem menos difficil que a da guerra. Aos jornaes da vanguarda da Peninsula cabe um impotente papel nesta obra. O *Germinal*, interessando-se vivamente por ela, contribuirá, na medida das suas forças, para que alguma coisa de pratico e util se faça.

A jogatina

Começam a aparecer alguns protestos contra as maquinas automaticas, a que já nos temos referido, que por essa Lisboa sugam os poucos vintens que os trabalhadores ganham. Diz-se que as autoridades vão tomar providencias para que acabe a exploração; mas se essas providencias forem identicas ás que as autoridades em toda a parte costumam tomar em beneficio do proletario, muito teem as maquinas sugadoras que trabalhar. E' ao operariado consciente que compete olhar pelo mal e tratar de acabar com ele. Dizemo-lo enquanto é tempo, porque o vicio ainda não deve estar enraizado, por ser recente: as roletas automaticas constituem um dos maiores perigos para a emancipação dos trabalhadores.

Carta sobre as questões actuais

I

Decerto é doloroso debatermo-nos nas contradicções de que me falais. «Um pensamento sobretudo me atormenta» escreveis. É possivel que a guerra, quando é tão grande como a actual, possa ser uma guerra *libertadora*? E se sabemos de antemão que a guerra contra a Alemanha seria uma guerra *libertadora*, para quê o antimilitarismo, e tudo o que se disse sobre a grève geral, etc. E' uma longa serie de questões que nos atormenta»...

Compreendo quanto podem atormentar essas questões. Mas não são elas resultado do erro fundamental da obra dos antimilitaristas?

Pensavam eles que pela sua propaganda poderiam *impedir* a guerra, apesar de continuarem existindo as condições que determinam todas as guerras.

Muito justamente diziam que todas as guerras actuais são causadas pela estrutura capitalista da sociedade, com as suas consequencias politicas; diziam ainda que esta estrutura não pode ser modificada num só dia e que será preciso tempo para a combater e que se necessitava passar por uma subversão profunda.

E por outro lado *julgavam* que bastaria declarar a greve geral das nações europeias — nada mais que isto! — para tornar a guerra impossivel.

De repente, desapareceria toda a força imensa do capital e dos orgãos que lhe estão subordinados, a qual paralisada, deixaria de existir não só num certo pais (digamos a França) mas tambem noutro (a Alemanha), que considera a conquista de uma parte da França e das suas colonias como um facto «indispensavel» para que o seu capitalismo possa atingir todo o seu desenvolvimento.

Chegava-se assim a uma evidente contradicção. E eu inter-

rogo-me agora: conceberiam a maior parte dos anti-militaristas a relação intima que existe entre o engrandecimento da classe capitalista e a guerra?

Falando da guerra não atribuiriam ainda demasiada importancia á má vontade dos individuos?

Foi por isso que, de ha dez ou doze anos a esta parte, quando se tornou evidente que era *inevitavel* o ataque da França pelo imperio germanico, eu me tenho esforçado por convencer os meus camaradas francezes a distinguirem entre a propaganda contra a guerra em geral, e a attitude que seriam forçados a tomar em caso de guerra.

Se eu fizer parte de uma sociedade de duas dezenas de pessoas e que um de nós, mais forte que os outros, tender a oprimir um mais fraco, eu devo, compreende-se, tentar o mais possivel inspirar a todos nós, inclusivamente ao forte, o pesar pelo abuso da força. Mas se as minhas palavras nada conseguem, se vejo que o forte está em risco de desancar o fraco — tenho o direito de ficar de braços cruzados, como simples espectador? Precisamente porque sou inimigo de toda a opressão do fraco pelo forte, trato de ajudar o fraco a repelir o ataque do forte, ainda mesmo sabendo por experiencia, que um dos golpes do forte ha-de cair sobre mim.

Compreendo que se possa não responder a uma ofensa *personal*. Mas ficar de braços cruzados quando o forte despedaça o fraco seria uma suprema cobardia. *E' isso que ajuda a manter todas as opressões.*

A propaganda anti-militarista, aproximando nos do dia em que os homens compreenderão que a verdadeira causa das guerras é o desejo dos capitalistas de uma nação de se aproveitarem do trabalho e das riquezas doutra nação, ajuda tambem a convencer as massas de que mesmo uma guerra «feliz» importa, no fim de contas, mais mal que bem aos vencedores.

Mas dadas as circunstancias

actuais, essa propaganda não pode impedir a guerra, não só porque ha Estados cuja população está pronta a ajudar os capitalistas a enriquecerem-se com o trabalho de outrem, mas ainda porque muitas vezes creem os trabalhadores encontrar nela o seu proprio interesse.

A ameaça de uma greve geral pode servir durante algum tempo de freio a veleidades de conquista. Mas não pode impedir a guerra, se o agressor, sentindo-se num dado momento, mais forte ou melhor preparado que o seu adversario, rompe as hostilidades. Então qualquer homem de bom senso no país ameaçado de invasão compreenderá que um dia só de greve geral e de demora na mobilização, representaria para o agressor o presente de uma provincia, de cem mil soldados e de milhões de contribuição.

A isto respondiam os seus camaradas: — «Pois é para isso que fazemos a nossa propaganda — para abrir os olhos dos alemães, para que eles se recusem a sustentar os seus capitalistas, quando estes quizeram roubar a França. Não se deve esquecer que na Alemanha ha já tres milhões e meio de socialistas, acrescentavam ingenuamente; e estes socialistas apoiar-nos-hão».

E quando eu lhes provava que isso não aconteceria — não podia acontecer, — diziam-me: «Tanto peor. E' preciso que alguém comece!»

Depois do que, só havia que inclinarmos-nos e dizer. — «Sois muito generosos; continui, mas com esta condição: quando a Alemanha começar, com energia selvagem, a reunir os seus corpos d'exercito — com o apoio dos socialistas alemães — vocês, também, com redobrada energia, e com a consciencia da justiça da nossa causa, tanto mais forte quanto tudo fizeram para impedir a guerra, ajudam a mobilizar todas as nossas forças e bater-se-hão violentemente contra os agressores. E não digam mais esse disparate de que para um trabalhador francês é indifferente estar sob o jugo dum capitalista francês ou dum capitalista alemão, sob a ferula dum prefeito francês ou dum general alemão. Vocês, na França, e viajando pouco pelo estrangeiro, vocês não sabem o que é viver sob o jugo doutra nação.»

Durante estes dois mezes os alemães tudo teem feito para abrir os olhos acerca disto.

Devo dizer que é precisamente o que teem feito a maior parte dos anti-militaristas franceses. Um deles escrevia-me de Paris: — «Tu tinhas razão. Pensava eu que os povos se levantariam para se libertarem; pensava que os tres milhões de socialistas alemães se oporiam á guerra. Não nos resta senão defendermo-nos. Só a resistencia e o ataque derrubarão o mi-

litarismo alemão». Outros escrevem: — «Estou no regimento «tal», uns nas companhias de saude, outros mais novos, nas fileiras. E estes antimilitaristas combatem com o mesmo ardor que os outros para desalojar os alemães das suas fortificações.

Os belgas fizeram o mesmo. Até ao ultimo momento trabalharam pela paz, e quando as hordas alemãs invadiram o seu país, bateram-se como heroes para defender os seus campos e as suas cidades.

Já sabeis, sem duvida, o que levou os alemães a invadir a França e a Belgica. Sabeis como, sem nenhuma razão nem pretexto, invadiram a Belgica, porque lhes seria assim mais fácil conquistar a França que odeiam de morte. Sabeis como eles fazem as suas conquistas, desprezando todas as convenções internacionais e todos os costumes das nações civilizadas.

Já sabeis tudo isto. Dizei então: — Desejais que o sucesso esteja do lado dos belgas e franceses? Desejais que os brutos conquistadores sejam expulsos da França e da Belgica?

Se sim — de que ha que falar ainda?

Pedro Kropotkine.

Uma conferencia

O sr. Alfredo Pimenta, dissertando na Liga Naval sobre a guerra europeia e a sua significação filosofica, disse logo de entrada que a Alemanha se devem todos os progressos nas sciencias e nas artes no ultimo seculo. Com uma destas, a atenção do auditorio estava ganha; o poder filosofico do illustre correligionario do sr. Antonio José ia patentear-se em toda a sua grandesa. Assim foi que, depois, citou de Machiavel o preceito de que um chefe de Estado não deve cumprir as suas promessas sempre que lhe seja possivel e declarou que isto é a base do direito; explicou que a guerra quanto mais brutal e mais cruel, tanto mais proveitosa é para os vencedores e para os vencidos, porque gera o odio e é o odio o fermento de toda a actividade, o impulsor de todo o progresso; bufou que se pudesse fazer Portugal senhor da Europa, não hesitaria ainda que tivesse de sacrificar centenas de milhares de vidas; afirmou que só pode ter liberdade de pensar quem tem direito a ela pela sua categoria mental, e que a igualdade na familia trouxe como consequencia prejudicial o divorcio; e despediu-se ejaculando a necessidade da reacção conservadora.

Não consta que no final da dissertação o sr. Pimenta fosse conduzido a Rilhafoles; mas registam as gazetas que ele recebeu muitas palmas, — o que faz mais alto do que supunhamos, o numero de desarranjados da bola.

A minha carteira

A proposito de iberismo

«Operarios portugueses, irmãos: «Embora proximos, embora procedentes de iguais tempos e origens, portugueses e espanhóis, passam os seculos sem que diminua o nosso incompreensivel alheamento . . .

«... A causa de tão anti-natural separação só podia fundar-se na injustiça: efectivamente, como não ignorais, a origem foi realmente bastarda, anti-social, propria do nepotismo e rapacidade de poderes cesareos.

«Era pelos anos de 1185. O rei Afonso VI estreitava o cerco de Toledo... Terminado o sitio, o rei dá em presente ao seu favorito a soberania do condado de Porto-Gallo, pequeno territorio entre Douro e Minho, pouco antes tomado aos mouros, e eis quebrantado o destino de um grande povo e torcido o seu futuro! Singular coincidência! Foram desaparecendo em Espanha uma a uma todas as divisões feudais, todas as soberanias parciais que tinham por titulo o direito de herança, que em certo sentido era legitimo, e só subsistiu a que em nenhum se apoiava...

«... Foi mister a vontade energica, universalmente respeitada, de Filipe II, para que 866 anos depois da destruição da monarquia visigotica, ficasse outra vez reunida a peninsula sob um sceptro. E para isso, entenda-se bem, não houve que violentar os portugueses: bastou um passeio do duque de Alba e o respeito que aos estrangeiros inspirara a causa iberica. Em vão procuraremos o sitio e a data de um combate para marcar esta mal chamada conquista. Portugal tinha-se ganhado em Pavia, em San Quintino e em Lepanto.»

Onde se lêem, de quem são estas palavras? Encontramo-las num velho documento espanhol: um apelo da Internacional aos trabalhadores de Portugal. Esse documento tem esta data: Barcelona, Dezembro de 1870; e entre as suas assinaturas acha-se a de Farga Pellicer.

Contra os açambarcadores

De 1792 a 1793, quando a questão das subsistencias, em Paris, estava sem cessar na ordem do dia, começou a formar-se uma especie de partido social que, pretendendo pôr no primeiro plano os problemas economicos, queria denunciar e combater a fundo o açambarcamento sob todas as suas formas. Originam-se na propaganda de um dos chefes desse partido — Jacques Roux, os acontecimentos da capital francesa no fim de fevereiro de 1793, em que sobressai o assalto do povo ás lojas, obrigando os comerciantes a vender pelos preços que os compradores fixavam.

A fechar

Palavras de A. de Ambris:

«Na Italia só uma coisa pode ser aceita: a Republica com o seu correlativo — a Comuna. Para acompanharmos a alma do nosso povo e as suas tradições, nós devemos ser

republicanos-federalistas-comunalistas. Na autonomia e na liberdade encontraremos o meio em que poderão reviver — adaptadas ás exigencias do seculo 20.º — as gloriosas instituições da comuna do seculo 11.º, quando a base da vida cidadina eram as corporações das artes maiores e menores.»

Um mágico.

Pela paz

Dando a sua adesão ao Congresso internacional promovido pelo Ateneu Sindicalista de Ferrol e que ha de celebrar-se em Ferrol nos dias 30 de Abril e 1 e 2 de Maio proximo, como aqui noticiámos, escreve a *Accion Libertaria*, de Gijón:

De varios companheiros e entidades teemos recebido trabalhos em que se expõem iniciativas tendentes a realizar uma acção comum que ponha termo á guerra europeia.

Os autores desses trabalhos, fazendo-se eco do sentir quasi unanime dos elementos revolucionarios do mundo, advogam que todos os que são contra a guerra se ponham de acordo para exercerem contra esta uma opposição simultanea e energica. Para todos eles, e também para nós, são inuteis os artigos que se escrevem condenando a barbarie desenvolvida nas nações que se chama civilizadas, assim como os *meetings* que a favor da paz se realizam em pontos diversos. Para acabar com a conflagração europeia, dizem todos — necessita se empregar meios diferentes dos até agora usados.

Que meios são estes? Cada qual, naturalmente, propõe os que julga mais exequiveis. Mas acontece que a maior parte deles, a nosso ver, ou são de difficilissima realisacão, ou lhes falta o sentido realista da situação. Para nós, o mais congruente com o fim que se tem em vista é o que indicam os companheiros do Ateneu Sindicalista de Ferrol na circular que publicaram para divulgar a sua iniciativa.

Eis como se exprimem esses companheiros:

«As nações beligerantes não poderão continuar com a guerra sem o concurso das nações neutrais. Basta o boicote de todas as mercadorias que se exportam para as nações em guerra, para esta não poder prolongar-se por muito tempo, apesar de serem riquissimas essas nações. Estas riquezas depressa se exgotarão: as terras abandonadas, umas por falta de braços, outras devastadas pelos exercitos em campanha, nada produzirão, e a menos que não tenham o auxilio das nações neutrais, a fome virá a assenhorear-se das ditas nações. Sabido é também que elas precisam de certos minerais e metais para o fabrico de armas e munições, e que os recebem das nações neutrais. E se tudo isto é certo, unido ao boicote um movimento revolucionario em toda a Europa e America, pode dizer-se afirmativamente que faremos entrar na razão os governos da burguesia.»

Os camaradas da *Accion* julgam isto exequivel? e exequivel para breve? e conducente ao fim em vista? Se nos fosse permitido solicitar-lhes alguma coisa, pedir-lhes-iamos que nos explicassem porquê.

A tolerancia é uma virtude difficil; o nosso primeiro impulso, e mesmo o segundo, é odiar quem não pensa como nós.

J. Lemaitre.